



## CAPÍTULO XIV

# O ENSINAMENTO DOS DRUIDAS. A IMORTALIDADE DA ALMA

**N**enhum manuscrito irlandês nos conservou o texto das aulas que o Druida Cathbu dava aos seus cem alunos, nem o das aulas dadas pelos seus colegas na Irlanda. Podemos supor que o ensino dos druidas irlandeses era, salvo a diferença de língua, idêntico ao dos druidas da Gália. Destes últimos sabemos que o seu ensinamento consistia em fazer decorar pelos alunos um longo poema didático que recitavam<sup>294</sup> e que certos alunos só o sabiam a rigor após vinte anos de estudo<sup>295</sup>.

Supondo-se por ano duzentos dias de trabalho e por dia vinte versos, seriam quatro mil versos por ano e, em vinte anos, oitenta mil, mais de cinco vezes o número de versos da *Iliada*. Dessa massa de versos druidas resta-nos apenas uma tríade conservada sob forma de tradução grega por Diógenes Laércio:

*“Adorar os deuses – não fazer nada de mal – praticar a bravura.”*<sup>296</sup>

Entre as doutrinas filosóficas ou, se desejarmos, teológicas, ensinadas pelos Druidas, a que mais parece ter sensibilizado os antigos é a da imortalidade da alma. Diz Júlio César:

---

<sup>294</sup> *Canitis si cognita*, Lucano, I, 457.

<sup>295</sup> *“Magnum ibi numerum uersuum ediscere coguntur. Itaque annos nonnulli uicenos in disciplina permanent.”* *De bello gallico*, l. VI, c. 14, § 3.

<sup>296</sup> *“Σέοειν Θεούς, – και μεδέν κακὸν δρᾶν, – και ἀνδρείαν ἀσκεῖν.”* Diógenes Laércio, *Præmium*, 5, edição Didot, pág. 2, l. 22, 23.



*“Aquilo que em primeiro lugar os druidas nos querem persuadir é que as almas não morrem e que após a morte de um corpo, elas passam para um outro.”*<sup>297</sup>

Nessa segunda vida os defuntos encontravam um mundo diferente daquele em que tinham vivido. Diz Lucano:

*“Segundo vós, Oh! druidas, os mortos não vão às moradas silenciosas do Érebo, aos reinos profundos e descoloridos de Plutão, é num outro mundo que a alma do morto reina sobre os novos membros e, se sabeis o que ensinam os versos que cantais, a morte é o meio para uma longa vida.”*<sup>298</sup>

A fórmula de que se serve Lucano, pondo num outro mundo, *in orbe alio*, a segunda vida dos mortos, é mais clara do que aquela por meio da qual Mela procura exprimir a mesma ideia: segundo ele, os Druidas ensinavam que as almas eram eternas e que havia uma outra vida entre os Manes<sup>299</sup>. O que significa esta expressão “entre os Manes”? Encontramo-la claramente desenvolvida na peça irlandesa intitulada: *Aventuras de Condla, o corcunda, Echtra Condla Chaim*, que remonta ao século II da nossa era.

Condla era um dos dois filhos do rei supremo Conn, apelidado Cêthchaig, ou seja, capaz de enfrentar sozinho cem guerreiros, o que não o impede de um dia ser morto por um rei do Ulster<sup>300</sup>. Antes de esse desastre acontecer, a deusa da morte veio roubar Condla ao amor paterno. Ela apresenta-se sob a forma de uma jovem e linda mulher. Diz ela:

<sup>297</sup> *“Imprimis hoc uolunt persuadere non interire animas, sed ab aliis post mortem transire ad alios.”* *De bello gallico*, l. VI, c. 14, § 5.

<sup>298</sup> *“(…) Vobis auctoribus umbræ / Non tacitas Erebi sedes Ditisque profundi / Pallida regna petunt, regit idem spiritus artus / Orbe alio: longæ, canitis si cognila, uite / Mors media est...”*, Lucano, I, versos 454-458. Cf. Salomon Reinach, *Cultes, mythes e religions*, págs. 184-194.

<sup>299</sup> *“Aeternas esse animas, uitamque aeternam ad Manes.”* Mela, l. III, c. 2, § 19.

<sup>300</sup> Tigernach, editado por Whitley Stokes, *Revue celtique*, tomo XVII, págs. 8, 9.

